



3668 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

As crianças e os livros de literatura: reflexões sobre a mediação docente durante a conversa nas rodas de história na Educação Infantil
Ana Carolina Perrusi Alves Brandão - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

O estudo analisa um dos aspectos envolvidos na mediação de leitura de livros de literatura para crianças pequenas: a conversa conduzida pela professora em torno dos livros. A partir da compilação de pesquisas qualitativas recentes que envolveram a análise de rodas de histórias com grupos de crianças entre 4 e 5 anos, o estudo identifica aspectos recorrentes nas pesquisas selecionadas e reflete sobre a qualidade da conversa que se observa nas rodas de história em salas de Educação Infantil.

As crianças e os livros de literatura: reflexões sobre a mediação docente durante a conversa nas rodas de história na Educação Infantil

Introdução

Em experiências de leitura compartilhada, os mediadores que aprendem a ouvir nas entrelinhas constroem pontes e acreditam que as vozes, os gestos e os silêncios dos leitores merecem ser escutados. Se assim for, quando é assim, ler se parece com escutar (BAJOUR, p. 45, 2012).

Neste artigo, o tema da formação de leitores na Educação Infantil será enfocado a partir de uma dimensão que julgamos essencial para essa discussão: a atuação das professoras como mediadoras entre as crianças e os livros de literatura durante a conversa nas rodas de história.

Como sabemos, nas “rodas de história”, também conhecidas como “rodas de leitura”, as crianças são convidadas a sentarem na frente da professora que lê um livro de literatura em voz alta mostrando as ilustrações. Também nessas rodas podem ocorrer a narrativa oral de histórias, com ou sem o suporte das imagens de um livro, bem como a conversa com as crianças sobre o texto ouvido ou sobre o tema do livro.

No Brasil, as rodas de história são muito comuns nas instituições educativas para crianças menores de cinco anos. Porém, como sabemos, não basta ler livros para as crianças, é fundamental selecionar obras de boa qualidade, organizar um cantinho de leitura atraente na sala, ler com expressão e, quando for o caso, conduzir uma conversa sobre texto, estimulando nos pequenos um comportamento ativo de produção de significados.

Neste estudo buscamos revisitar algumas pesquisas que envolveram a leitura de livros de literatura por professoras para seu grupo de crianças entre 4 e 5 anos. A partir da identificação desses trabalhos, foram extraídos dados que julgamos relevantes para a refletir sobre três aspectos envolvidos na mediação de leitura: (1) o acesso das crianças aos livros de literatura; (2) os critérios adotados pelas professoras para a escolha dos livros e (3) a qualidade da conversa com as crianças, conduzida pelas professoras a partir das histórias lidas.

No presente estudo, trataremos especificamente do terceiro item indicado acima, apresentando e refletindo sobre os dados extraídos das pesquisas conduzidas no Brasil. Com essa proposta, esperamos contribuir para a melhoria das práticas de mediação de leitura na Educação Infantil, bem como para o debate acadêmico sobre esse tema.

São várias as práticas que podem contribuir para a formação de leitores na Educação Infantil. O empréstimo de livros as famílias, a formação de salas de leitura na instituição ou de pequenas bibliotecas nas salas das crianças são algumas possibilidades. Porém, nos concentramos aqui numa prática que parece ocupar um lugar de destaque na rotina das crianças nessa etapa educativa: as rodas de história e as conversas que podem se dar antes, durante e depois da leitura em voz alta feita pela professora para/com as crianças.

Conforme argumentam Brandão e Rosa (2010) as rodas de história, quando bem conduzidas são fundamentais para a formação de leitores na Educação Infantil, contribuindo para revelar às crianças que ler não é simplesmente recitar palavras, mas sim um comportamento ativo de produção de significados. Isto é, por meio dessa prática a professora vai mostrando que o livro foi produzido por alguém e constitui um objeto que tem algo a dizer e que o ouvinte, por seu lado, deve fazer *um esforço de busca de sentido* para compreender/ apreciar o que escuta. Em síntese, essa postura de “ouvinte ativo”, tal como afirmam as autoras pode ser construída na Educação Infantil por meio da leitura de bons textos literários e da conversa sobre esses textos mediada pela professora.

Como já anunciado, o presente estudo envolveu a análise de um grupo de pesquisas qualitativas recentes voltadas para investigação de diferentes aspectos envolvendo a leitura de histórias feitas por professoras para grupos de crianças entre 4 e 5 anos. Após a seleção desses trabalhos (ALBUQUERQUE, 2012; AZEVEDO, SILVA; RIBEIRO, 2011; CASTRO *et al.*, 2016; CORDEIRO, 2015; NASCIMENTO; BRANDÃO, 2010, 2013; SANTOS, 2010; SANTOS; CAVALCANTI, 2005; SILVA, 2014) buscamos perceber o que eles poderiam nos informar, especificamente, sobre a *qualidade da conversa que se observa nas rodas de história* com crianças em salas de Educação Infantil, identificando achados recorrentes nas pesquisas selecionadas.

A conversa nas rodas de história na Educação Infantil: o que as pesquisas informam?

A seguir apresentamos de forma sucinta os aspectos que nos pareceram relevantes durante a análise encaminhada no presente estudo. Entendemos que a reflexão sobre os pontos indicados abaixo pode ampliar as possibilidades de desenvolver com maior qualidade a atividade de leitura e conversa nas rodas de história.

Antes de iniciar a leitura é comum que a professora explore a capa do livro, formulando perguntas a partir do título e das ilustrações, porém nem sempre tais perguntas contribuem para a construção de sentidos com base no texto. Durante a leitura, por sua vez, são mais comuns perguntas de previsão sobre o texto em que as crianças são estimuladas a antecipar eventos ou ações de personagens. Após a leitura do livro observa-se um maior investimento em perguntas literais (em que as crianças precisavam localizar informações explicitamente dadas no texto) e subjetivas (em que se solicita a opinião do leitor/ ouvinte e embora tome o texto como referência, a resposta não pode ser deduzida dele). É menos comum a formulação de perguntas inferenciais em que é preciso elaborar significados implícitos do texto ou pensar sobre o significado de expressões com sentido figurado. Como sabemos, texto algum poderá trazer todos os significados explícitos, ainda mais em se tratando de textos literários. Assim, as perguntas inferenciais tem um papel crucial na formação do leitor, já que estimulam a elaboração de uma estratégia de compreensão essencial para leitores e ouvintes de todas as idades que é a captar as pistas dadas no texto e a partir delas ir além do que ele diz, articulando as informações dadas com os conhecimentos de mundo trazidos pelo leitor/ ouvinte.

Voltando às pesquisas analisadas, os dados mostram que também é comum após a leitura, solicitar que as crianças reconstruam a sequência dos eventos narrados no texto. Em relação à atividades de extrapolação da leitura (RITER, 2009) são frequentes os pedidos de desenhar sobre o que gostou da história.

Um outro aspecto relevante observado é que as questões durante a conversa comumente se dirigem para o grupo todo e menos para as crianças individualmente. Desse modo, é comum que o diálogo assuma um padrão em que a professora pergunta e as crianças respondem em coro, de modo que os mais falantes e os menos falantes tendem a permanecer nas suas posições.

Outro item que merece nossa atenção é que durante a condução da conversa nota-se uma certa preocupação de “aproveitar” a história lida para incutir valores morais (por exemplo, é importante dividir os brinquedos com os colegas) ou de ensinar certos hábitos (escovar os dentes, por exemplo). Tal observação dialoga com o estudo de Valdez & Costa (2007) com professoras dos CMEIs de Goiana, participantes de um curso de formação e que apontam como o critério mais marcante para a seleção de histórias o fato do texto ensinar conceitos ou conter uma lição moral, incentivando, assim, boas maneiras e bons hábitos nas crianças.

A esse respeito, reconhecemos que a literatura pode suscitar a discussão e reflexão sobre valores éticos e comportamentos socialmente louváveis. Porém, é preciso estarmos atentos para a forma como essa discussão é encaminhada numa roda de história. Entendemos que nesses casos é preciso mobilizar a reflexão das crianças sobre os temas e não tornar a palavra da professora como a única posição possível. Só dessa forma, consideramos que seria poderíamos contribuir para que as crianças desenvolvam uma posição genuína e refletida diante dos dilemas éticos com os quais nos deparamos na vida. Nesse sentido, concordamos com Bajour (2012), quando ela nos alerta que: "Muitas vezes a literatura é vista como instrumento mais atrativo para falar sobre problemas sociais, questões relacionadas a valores, assuntos escolares ou situações pessoais. Quando essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas. (BAJOUR, 2012, P. 26).

Por fim, também foi possível concluir que embora as rodas de história façam parte da rotina das salas da Educação Infantil trata-se de uma atividade pouco ou não planejada pelas professoras. Ou seja, não parece haver entre as docentes o entendimento de que a conversa, seja sobre o tema do texto ou sobre a narrativa em si, é uma atividade que precisa ser planejada. Alguns autores porém, tem justamente salientado a importância desse planejamento da conversa sobre o texto literário. Bajour (2012), por exemplo, destaca a necessidade de que o mediador reflita sobre: como perguntar? Como intervir? Quando calar?... Também vale registrar que essa percepção não parece ser algo localizado nas pesquisas abordadas no presente estudo. Scheiner e Gorsetman (2009) na sua pesquisa com professoras americanas de Pré-escolas relatam que elas costumam colocar em seu planejamento “ler e discutir a história”, entretanto, não escrevem, por exemplo, possíveis perguntas que poderiam iniciar a condução dessa “discussão”.

Em síntese, as pesquisas aqui analisadas indicam que as rodas de história são frequentes na Educação Infantil, as professoras leem bons livros e consideram importante conversar sobre o que foi lido. Entretanto, o nível da conversa tende a ser superficial e as crianças são pouco estimuladas a elaborar e aprofundar as suas respostas ou comentários a respeito do texto.

Considerações finais

No campo da Educação Infantil, a leitura de histórias parece ser algo amplamente aceito e recomendado por documentos oficiais e propostas curriculares. Porém, os dados do presente estudo mostram que a qualidade da mediação nas rodas de história precisa ser problematizada em cursos de formação inicial e continuada de professores. Evidentemente reconhecemos que a qualidade dessa mediação não depende apenas da habilidade e conhecimento das professoras, é preciso ter um bom acervo (em quantidade e qualidade) na instituição e que este acervo esteja facilmente acessível à professoras e crianças, algo que nem sempre constitui uma preocupação da gestão das escolas.

O estudo também aponta a necessidade de um maior investimento em pesquisas envolvendo situações de leitura reais, com vistas a identificar estratégias bem sucedidas utilizadas pelas docentes durante as rodas de história na Educação Infantil. Ou seja, estratégias que favoreçam uma leitura mais interativa e desafiadora, encorajando as crianças a tomar parte da experiência de leitura, de modo que se observe uma verdadeira conversa sobre o texto ou a partir dele e não apenas perguntas e respostas em coro.

Entendemos que a leitura e conversa sobre o texto literário, entre tantos outros ganhos que podem trazer, tais como: a ampliação do universo cultural das crianças, o desenvolvimento da sua imaginação e da linguagem oral, tem também um papel crucial para o processo de formação de leitores. Nesse sentido, é fundamental que as professoras na Educação Infantil estejam conscientes da importância dessa atividade na rotina das crianças. Ou seja, não basta ler qualquer livro ou conversar de qualquer maneira... É preciso aprender a construir diálogos que estimulem as crianças a reelaborem e a produzirem seus comentários, formulando suas próprias questões e respondendo perguntas feitas pela professora que mobilizem sentidos implícitos na narrativa e não apenas o que nela está explicitamente colocado. Enfim, é preciso, sobretudo, “construir pontes”, buscando uma mediação em que ler seja também escutar os pequenos que participam da roda, como disse Bajour na epígrafe desse texto.

Referências

ALBUQUERQUE, C. S. **Os acervos, os espaços e os projetos de leitura em instituições públicas de Educação Infantil** 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

AZEVEDO, K. L. dos S.; SILVA, R. C. S. da; RIBEIRO, F. L. **SPráticas de compreensão leitora na educação infantil: o que fazem as professoras?** 2011. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura.** São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de S. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende... In **Coleção Explorando o Ensino – Literatura MEC/SEB**, vol. 20, 2010, p. 69-106 (disponível em: <http://portal.mec.gov.br>).

CASTRO, A. P. S. de O. *et al.* **Ensino da escrita na Educação Infantil**: concepções e práticas de professores. 2016. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

CORDEIRO, D. da R. **O ensino da compreensão de textos na educação infantil**: os saberes e as práticas das professoras. 2015. 226 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

NASCIMENTO, B. E. S.; BRANDÃO, A. C. P. A argumentação e a mediação da professora nas rodas de história na Educação Infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15, 2010, Belo Horizonte, **Anais do XV ENDIPE**, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

NASCIMENTO, B. E. S.; BRANDÃO, A. C. P. **Argumentação nas rodas de história**: reflexões sobre a mediação docente na Educação Infantil. Saarbrücken: Verlag editora, 3013.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

SANTOS, R. F. **Rodas de histórias com crianças na creche**: a construção de comportamentos leitores. 2010. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SANTOS, E. B.; CAVALCANTI, L. de P. **O trabalho de compreensão nas rodas de história com crianças de 4 a 5 anos** 2005. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SCHEINER, E. Y.; GORSETMAN, C. Do preschool teachers consider inferences for book discussions? **Early Child Development and Care**, v. 179, n. 5, p. 595–608, jul. 2009.

SILVA, J. R. P. **A mediação docente nas rodas de história**: Um olhar sobre o Projeto Trilhas para a Educação Infantil. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

VALDEZ, D.; COSTA, P. L. Ouvir e viver histórias na Educação Infantil: um direito da criança. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. (Orgs.). **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Em defesa do ato de ensinar. São Paulo: Alínea, 2007, p. 163-184.